

Teoria Ator-Rede: uma alternativa para pensar a Comunicação em contextos digitais ¹

Ana Patrícia SANTANA²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Nascida no âmbito dos Estudos de Ciência e Tecnologia, a Teoria Ator-Rede vem ganhando espaço como uma alternativa para pensar a comunicação digital. Ao se realizar em fluxos e em uma lógica de redes, a comunicação contemporânea nos coloca grandes desafios para pensar e produzir conhecimento no campo. Neste trabalho, faremos uma breve abordagem de alguns conceitos e princípios da Teoria Ator-Rede, produzindo um diálogo com a complexidade apresentada pela comunicação em contextos digitais.

Palavras-chave: teoria ator-rede; comunicação digital; redes digitais.

1. INTRODUÇÃO

O difusão das redes digitais tem provocado profundas transformações nas arquiteturas comunicativa (SANTAELLA, 2003; LEVY, 1999) e social (DI FELICE, 2008; CASTELLS, 2002) da contemporaneidade. O potencial tecnológico alicerçado na tecnologia da informação, profundamente caracterizado por sua morfologia em rede³, o uso de uma linguagem digital comum e a velocidade de progresso, uso e disseminação de suas inovações (CASTELLS, 2002), nos apresenta a emergência de uma arquitetura informativa, interativa descentralizada e colaborativa, capaz de promover alterações qualitativas não só na maneira como comunicamos (DI FELICE, 2012), mas, em sentido mais amplo, promovendo alterações nos diversos campos das atividades humanas (CASTELLS, 2002).

O sociólogo italiano Massimo Di Felice, ao analisar a transformação qualitativa na experiência comunicativa humana contemporânea, alinhado a um conceito de sistema informativo não dicotômico e de uma não distinção entre espaços físicos e ambientes das

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Ciências da Comunicação da ECA-USP, email: anapatriciasantana@usp.com.br

³ Por um descentramento, utilizo as “características aproximativas do rizoma” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15) para conceituá-la por a) Conexão (qualquer ponto se conecta a qualquer outro), b) Heterogeneidade (qualquer conexão é possível), c) Multiplicidade (não redução a unidades), d) Ruptura a-significante (sempre sujeito a linhas de fugas), e) Cartografias (com múltiplas entradas pode ser acessado de infinitos pontos).

mídias, reflete que com o advento das tecnologias digitais, a comunicação passa a contemplar um novo paradigma em sua estrutura funcional, onde:

[...] pela primeira vez na história da humanidade, a comunicação se torna um processo de fluxo em que as velhas distinções entre emissor, meio e receptor se confundem e se trocam até estabelecer outras formas e outras dinâmicas de interação, impossíveis de serem representadas segundo os modelos dos paradigmas comunicativos tradicionais (Shannon – Weaver, Katz- Lazarsfeld, Eco-Fabbri, etc.) (Di Felice, 2008, p. 23).

O sociólogo faz referência a uma inédita alteração no sistema comunicativo, responsável pela criação de um complexo processo comunicativo entre as arquiteturas comunicativas, as informações e as pessoas. Trata-se aqui de uma sociedade que obedece a uma lógica de rede de redes (CASTELLS, 2002), onde a apropriação das novas tecnologias de comunicação e a não centralidade da informação produz tipos de comportamento que permite as organizações e a sociedade inaugurar novas formas de atuação, participações e trocas de toda a ordem. Assim:

A comunicação digital apresenta-se como uma nova arquitetura da comunicação no interior do qual os fluxos informativos não se apresentam mais como uma sequência de mensagens geradas por um emissor e direcionada aos receptores. Tal estrutura comunicativa foi substituída por circuitos informativos que constituem um conjunto de redes interligadas entre si. Consequentemente a emissão deixa de ser o resultado de um repasse de informação frontais, isso é de um centro emissor, para um conjunto de receptores. Para se transformar em troca interativa de circuitos, pessoas, interfaces, cuja coação será a dinâmica criadora do processo comunicativo⁴.

Tamãhas alterações nos incita a buscar novas teorias capazes de nos auxiliar na compreensão da complexidade emergente apresentada nos estudos da comunicação contemporânea. Neste trabalho, exploraremos alguns conceitos e princípios que embasam a Teoria Ator-Rede e como eles dialogam com a comunicação articulada em uma lógica de redes de redes.

2. TEORIA ATOR-REDE

É na obra *Reagregando o Social* (2012) que Bruno Latour reúne o conhecimento produzido em parceria com Michel Callon, John Law, Madeleine Akrich, Andy Barry, Annemarie

⁴ Material audiovisual referente pesquisa Redes Digitais e Sustentabilidade, realizada pelo Centro de Pesquisa Atopos (ECA/USP), com patrocínio máster da Petrobrás e apoio institucional da ECA/USP, disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCVT7GXnQGBTcYNiXZFF9fvg>, acesso em 15/07/2015.

Mol, Antoine I-lennion, entre outros intelectuais, e apresenta de maneira sistemática e introdutória a "Teoria Ator-Rede".

Nascida no âmbito dos estudos de ciências e tecnologias, a ANT⁵, como aqui iremos nos referir, estendeu-se para uma crítica à sociologia, podendo esta ser definida como a teoria que “*coloca em questão a noção de social e de sociedade, de ator e de rede*” (LEMOS, 2013, p. 31).

Objetivando mostrar os limites da sociologia da ciência - profundamente influenciada pelo estruturalismo e pelo pensamento durkheimiano, os sociólogos das associações⁶ concebem uma teoria do social capaz de pensar o híbrido e de pressupor uma ontologia plana, em que para análise do social, as ações são consideradas como sendo hierarquicamente equivalentes entre humanos e não-humanos⁷. Tais princípios incita-nos a pensar a cultura digital e, sobretudo, a comunicação digital fora de estruturas explicativas e categorias que nos induz a purificação desses híbridos e a separação entre sujeito e objeto, natureza e cultura, humano e não-humano.

Dentro desta perspectiva, alinhada também a possibilidade metodológica de acompanhar rastros e revelar as diversas dimensões de redes em formação, que a ANT vem ganhado espaço e sendo aplicada nos mais diferentes contextos de pesquisa e nos mais variados campos do saber, inclusive nos estudos da comunicação digital. Por ser um campo privilegia da ação desta relação entre mediadores e por suas ações deixarem rastros - e o digital nos permite visualizar esses rastros, que esta é uma área interessante para a aplicação e discussão a partir da ANT⁸.

Na publicação *A comunicação das coisas* (2013), André Lemos relaciona alguns conceitos e fundamentos da teoria ator rede à comunicação digital e à cibercultura, apresentando-nos

⁵ De Actor-Network Theory. Teoria Ator-Rede, em português.

⁶ Faz referência à "sociologia de associações" empregada por Latour para redefinir a sociologia não como ciência do social, mas como uma busca de associações entre elementos heterogêneos. (LATOURE, 2012, p.27).

⁷ “‘Non-human’ is my technical term to designate objects freed from the obligation to do politics through nature. Nature is here considered as what assembles all entities into one whole. It is thus a political definition that is sometimes opposed to human politics or, as is the case here, merged with politics” (LATOURE, 1998a, p. 222).

⁸ Fala do professor Andre Lemos na conferência realizada no SimSocial – Simpósio de Tecnologias Digitais e Sociabilidade 2012 em Salvador/BA. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2icCLBiuWkA>. Acesso em 20/07/2015.

também algumas possibilidades de aplicação da ANT nesses campos. Segundo ele, a ANT pode ajudar-nos a revelar fenômenos e associações como a sociabilidade online, a análise dos rastros deixados por várias ações na internet, as mídias locativas, o corpo e a subjetividade, as interfaces e interações dos dispositivos moveis, a arte, o ciberativismo, os games, a inclusão digital e a internet das coisas. Em suas palavras, ele afirma:

Acredito que para a área de comunicação e para os estudos da cibercultura no Brasil a presença de uma teoria que pense os mediadores sem dar muitos privilégios aos atores sociais clássicos pode ser bastante estimulante. Uma teoria que busca nivelar topologicamente sujeitos e objetos, atores humanos e não humanos que descreve e destaca as controvérsias me parece bem apropriada para pensar a cultura digital. (LEMOS, 2013, p.23)

Em uma área dinâmica como a comunicação digital, onde observamos em escala crescente a presença dos dispositivos eletrônicos e redes telemáticas, a consequente ampliação da complexidade dos processos comunicativos nos exige o esforço de pensar as redes sociotécnicas em suas circulações (ibidem, p.108), colocando-nos diante de um grande desafio metodológico.

Quem tem desenvolvido uma ideia de pensar esta complexidade apresentada por esta abrangência dos artefatos tecnológicos e o processo de digitalização na comunicação contemporânea é o sociólogo Massimo de Felice. Assim, no tópico seguinte iremos discorrer sobre esta ideia de pensar a comunicação digital, estabelecendo um estreito diálogo com a ANT.

3. A TEORIA ATOR-REDE E A COMPLEXIDADE RETICULAR⁹

O pensamento complexo é contemporâneo de um período de intensa atenção à necessidade de pensar um tipo de conhecimento científico que não reduzisse a complexidade à simplicidade, ou seja, a uma forma sistêmica, mas que a produção científica fosse por si própria complexa, assim como a realidade observada.

É dentro desta discussão, que o sociólogo Massimo Di Felice nos apresenta a ideia de pensar o contexto de redes através da complexidade reticular¹⁰. Chamada por ele de

⁹ Ao longo deste tópico iremos recorrer a falas e reflexões extraídas da disciplina Epistemologias Reticulares: Questões sobre o Método no Estudo das Redes Digitais e Perspectiva de Conhecimento através da Interação com Computadores, ministrada por Massimo Di Felice no departamento de Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

epistemologia reticular, esta é anunciada como uma tomada de consciência da crise da ciência e da limitação do método científico unitário (DI FELICE, 2012).

Ao desenvolver o pensamento reticular nos estudos das redes digitais, o sociólogo estabelece uma estreito diálogo com a ANT, nos permitindo trazer algumas reflexões que vão ao encontro do nosso objetivo de pensar a participação da Teoria Ator-Rede como aporte teórico-metodológico para os estudos realizados em contextos relacionados à comunicação digital.

A epistemologia reticular parte do pressuposto que a complexidade¹¹ em rede é um outro tipo de complexidade. Trata-se de uma complexidade que agrega os elementos humanos e não humanos - exatamente como o estudo laboratoriais etnográficos conduzidos por Bruno Latour nos revelaram, permitindo, assim, a conexão dos elementos das mais diversas naturezas.

Ao nos permitir pensar a agregação de coisas separadas como humano, técnica, meio ambiente, informação ... a ANT nos incentiva a recorrer-la nas nossas reflexões referentes as questões que nos são colocadas pela comunicação digital como: redes telemáticas; dispositivos móveis; internet das coisas; territórios informativos ...

Entretanto, neste primeiro momento, ao realizarmos esta aproximação torna-se necessário pontuarmos o pensamento do Latour sobre rede, que em nenhum momento faz referência as redes digitais. Tal distinção nos parece ainda mais clara quando ele se dedica a nos explica o termo “teoria ator-rede”. Latour explica-nos que a vocábulo "ator", usado na expressão “ator-rede”, não representa a fonte de um ato. Devendo ser então aqui entendido como um alvo móvel de um conjunto de entidades que se deslocam em sua direção (LATOUR, 2012, p. 75).

¹⁰ “[...] uma nova forma de complexidade, capaz de explicar os fenômenos a partir de uma lógica não mais linear e frontal, mas reticular e interdependente. Tal perspectiva nos proporciona pensar no advento de uma razão conectiva que tende a explicar o mundo não mais a partir de linguagens separatistas e opositivas, mas por meio de uma lógica conectiva que buscam os elos de interdependência e da explicação conectiva, evidencia de uma inteligência reticular.” (DI FELICE et al, 2012).

¹¹ A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextrincável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza... (MORIN,2007, p. 13).

Com a expressão ator-rede, acrescenta ele, pretendemos restaurar a ação, questão problemática das ciências sociais, com a intenção de evidenciar sua complexidade, diversidade, heterogeneidade (ibidem, p. 71) e, sobretudo, evidenciar a ausência de clareza quanto quem e o que nos leva a agir. (ibidem, p. 84). Assim:

Se quisermos desdobrar a metáfora, a própria palavra ator desvia nossa atenção para um total deslocamento da ação, advertindo-nos de que esse não é um caso coerente, controlado, bem acabado e bem delineada. Par definição, a ação é deslocada." A ação é tomada de empréstimo, distribuída, sugerida, influenciada, destinada, traída, traduzida. Se se diz que um ator é um ator -rede, é em primeiro lugar para esclarecer que ele representa a principal fonte de incerteza quanta a origem da ação (Ibidem, 2012, p. 76).

Quanto à ideia de rede que completa a expressão, Latour a define como aquilo que se forma das mediações. Sendo ela então as associações em um constante movimento que se faz e se desfaz, ou seja, o movimento do social em formação.

Portanto, rede é uma expressão para avaliar quanta energia, movimento e especificidade nossos próprios relatos conseguem incluir. Rede é conceito, não coisa. É uma ferramenta que nos ajuda a descrever algo, não algo que esteja sendo descrito. Mantém com o tópico à mão a mesma relação que uma grade de perspectiva mantém com uma pintura baseada na perspectiva tradicional, de ponto único: traçadas antes, as linhas permitem projetar objeto tridimensional numa tela plana - mas não são *aquilo* que será pintado, apenas ensinaram ao pintor dar a impressão de profundidade antes de serem apagadas. (LATOURE, 2012, p.192).

Quando unidas por um hífen, a expressão “ator-rede” oferece-nos a ideia de circulação e movimento, onde não devemos extrair dela qualquer ideia de imobilidade de um desses polos de ação. Latour alerta-nos que na expressão, “ator” não deve ser entendido como indivíduo, assim como a palavra “rede” que acompanha o termo não guarda o significado de sociedade. (LEMOS, 2013, p. 32).

Assim, podemos perceber aqui uma concepção diversa da rede pensada quando nos referimos as redes digitais. Para a “sociologia das associações” a rede não é infraestrutura, mas sim aquilo que se forma a partir das relações entre as coisas, em um constante movimento rizomático de construção e desconstrução¹².

¹² Conferência de André Lemos no Ciclo de Conferências Redes Communitas. Por uma ideia ecológica da comunicação e do comum”, realizado em 2014 pelo Centro Internacional de Pesquisa Atopos ECA/USP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vbIcCAvkmrU>. Acesso em: 21/07/2015.

Dito isso, observamos que ao aproximar a ANT em suas articulações teóricas sobre o estudo das redes digitais, Di Felice (2013) nos apresenta uma importante distinção em relação ao pensamento latouriano como é possível ser percebida em sua definição de complexidade reticular:

[...] uma nova forma de complexidade, capaz de explicar os fenômenos a partir de uma lógica não mais linear e frontal, mas reticular e interdependente. Tal perspectiva nos proporciona pensar no advento de uma razão conectiva que tende a explicar o mundo não mais a partir de linguagens separatistas e opositivas, mas por meio de uma lógica conectiva que buscam os elos de interdependência e da explicação conectiva, evidencia de uma inteligência reticular.” (DI FELICE et al, 2012).

Ao referir-se a uma lógica conectiva, Di Felice (2012) evidencia a distinção e nos esclarece que tal relação entre os objetos de diversas naturezas não se realiza apenas por um movimento de agregação de coisas¹³ separadas como humano, técnica, meio ambiente, informação ... O movimento se realiza por conexão, que é possível somente enquanto esses elementos que compõem o social são elementos digitalizados.

Aqui cabe também explicarmos a noção de digitalização empregada pelo sociólogo. A concepção do processo de digitalização aqui é compreendido não exclusivamente como a troca de informações entre membros humanos em um processo de interação tecnocomunicativa, mas em uma noção ampliada da digitalização para uma dimensão territorial, que compreende todos os coletivos que o compõem, como os espaços, pessoas, meio ambiente, as arquiteturas informativas, dispositivos, as realidades sociais e econômicas, em um processo de transfiguração, em suma, a digitalização é aqui compreendida como um processo que envolve as trocas informativas, bem como os coletivos técnicos, ambientais e naturais como parte ativa dos conjuntos de redes (DI FELICE et al. 2012).

Assim sendo, o processo de digitalização não é visto aqui como a simples transferência de informação de um emissor A para um receptor B - ideia de comunicação desenvolvida na época moderna pela ciência da comunicação, que pensa o processo comunicativo como o repasse de informação por meio de códigos e canais, expressando o contexto cultural e tipo de ciência no interior da qual a ideia de comunicação foi desenvolvida (Ibidem, 2012).

¹³ Aqui não faremos distinção entre coisa e objeto.

Na comunicação em rede a lógica frontal e a noção limitada de repasse de informações é ampliada, uma vez que ao ingressarmos em arquiteturas interativas e nos conectarmos em ecossistemas informativos, nos inserimos em um contexto que permite a troca em redes de informações emitidas ao mesmo tempo por diversos actantes. Esses actantes não somente trocam informações, mas ao trocarem informações alteram a própria especificidade, em função da ampliação das possibilidades oferecidas por essas arquiteturas como: maior acesso e volume das informações, alterações das relações sociais, ampliação das atividades e interações possíveis de serem desenvolvidas. (Ibidem, 2012).

Neste sentido, aqui há uma significativa distinção da concepção agregativa desenvolvida pela ANT com a noção conectiva desenvolvida na epistemologia reticular. Ao conceber a conexão como uma realidade heteronômica, Di Felice et al (2012) atribui uma outra natureza e uma outra qualidade a rede enquanto rede digital.

Entretanto, ao nos revelar a ideia de complexidade reticular como não agregativa, mas capaz de articular a ideia de redes de redes como redes conectivas que transfigura e permite a conexão de elementos das mais diversas naturezas, conseguimos identificar no interior deste pensamento um importante conceito extraído da ANT que é o conceito de actante. O conceito de actante é por Latour definido como:

Um ator é definido pelos efeitos de suas ações, de modo que o que não deixa traço não pode ser considerado ator. Ou seja, somente podem ser considerados atores aqueles elementos que produzem efeitos na rede, que a modificam e são modificados por ela e são estes elementos que devem fazer parte de sua descrição. Porém não há como anteciparmos que atores produzirão efeitos na rede, que atores farão diferença, senão acompanhando seus movimentos. (LATOURE, 2012, p. 35).

Assim, o termo tomado de empréstimo da semiótica greimasiana traz como significado aquilo, humano ou não humano, que articula, produzindo movimento e diferença. (LEMONS, 2013, p. 42).

4. ABERTURAS

A convivência conectiva entre diversos elementos como realidade do processo contemporânea de digitalização, do desenvolvimento da tecnologia wireless e da tecnologia móvel, apontados por Di Felice (2012;2013), evidenciam os desafios colocados pela

processo comunicativo contemporâneo e a necessidade de pensarmos vieses novos para produzir conhecimento.

Os conceitos e fundamentos extraídos da ANT e aqui apresentados como o *não-humano*, *actante*, *ontologia plana*, *ator*, *ação...* oferece-nos uma fértil oportunidade para (re)pensarmos a comunicação cada vez mais marcada pela participação de entidades não-humanos as quais nos conectamos e que alteram nossas formas de agir, comunicar e nos relacionar.

Nesta direção, Lemos (2013) reflete que a postura ontológica e metodológica oferecida pela ANT é de grande utilidade para o estudo das mídias digitais e para os fenômenos da cibercultura. Segundo ele:

Uma teoria que pressupõe considerar para análise do social as ações como topologicamente equivalentes entre humanos e não-humanos e que torna aparente as diversas associações entre atores revelando suas redes, parece ser muito oportuna para pensar a comunicação e a cultura digital (LEMOS, 2013, p. 93-94)

Desta forma, ao oferecer elementos que permitem ir além dos pilares do pensamento clássico baseado na ordem, na separabilidade e formas hegemônicas de explicação do social, a ANT tem oferecido contribuições e aberturas para pensar a produção de conhecimento no campo da comunicação digital.

5. REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. V. 1, 10ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DI FELICE, M.; TORRES, J.; YANAZE, L. **Redes digitais e sustentabilidade**: as interações com o meio ambiente na era da informação. São Paulo: Annablume, 2012.

DI FELICE, M. REDES SOCIAIS DIGITAIS, EPISTEMOLOGIAS RÉTICULARES E A CRISE DO ANTROPOMORFISMO SOCIAL. Revista USP, Brasil, n. 92, p. 6-19, fev. 2012. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/34877/37613>>. Acesso em: 21 Jul. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i92p6-19>.

_____. **Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares**. Manaus: Intercom, 2013

LATOUR, B. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

To modernize or to ecologize? That's the question. In: Castree, N.; Willems-Braun, B. (orgs.). *Remaking Reality: Nature at the Millenium*. Londres /New York: Routledge, 1998b.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1999

LEMOS, A. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2003.